

Entrevista com Teruko Oda

Teruko Oda é professora de Língua Portuguesa e uma das principais haicaístas do Brasil.

Como você se tornou professora?

Aos 16-17 anos de idade, cursando o antigo 'clássico' (o hoje Ensino Médio, na época, era dividido em curso normal, científico e clássico) na cidade de Araçatuba (SP), trabalhava como voluntária numa creche mantida por particulares (pessoas ligadas ao Rotary e Lions).

À época, não havia a obrigatoriedade de cumprir projetos educacionais como estão regulamentados atualmente. Alimentação, lazer e cuidados essenciais eram o foco de atenção dos dirigentes. Assim, estudava de manhã e duas ou três vezes na semana passava as tardes com as crianças em atividades de lazer: canto, dança, recorte e colagem, contação de histórias, pequenas encenações. Acabei me apaixonando pelas crianças e pela profissão!

Quando você começou a escrever haicais?

Ainda na infância, tomei contato com o haiku, poema escrito em japonês. Meu pai foi discípulo de Nempuku Sato, considerado o maior mestre de haiku fora do Japão. E as reuniões eram realizadas nas casas oferecidas pelos praticantes. Em muitas ocasiões, tive a oportunidade de ajudar minha mãe na tarefa de preparar e servir chá verde e doces caseiros aos participantes desses encontros. Os amigos de meu pai, normalmente sérios, calados ou apressados, nessas ocasiões se transformavam como por encanto. Eu os via rindo gostosamente, falando alto, batendo palmas ou lendo seus textos tranquilamente. O assunto não era o prejuízo com as queimadas, o valor da arroba de porcos e bois, dos ovos ou dos frangos. Falavam de flores, borboletas, libélulas, da lua, da chuva de ontem, o calor da manhã. Essa experiência marcou a minha infância.

A essa época, eu nem imaginava que o haiku pudesse ser escrito em português. 'Descobri' essa possibilidade anos mais tarde, por meio dos textos de Millôr Fernandes publicados na revista O Cruzeiro.

Comecei a escrevê-los de forma sistemática entre os anos de 1988/89, a convite de Mestre Goga, ocasião em que passei a frequentar as reuniões do recém-fundado Grêmio Ipê em São Paulo.

Você ensina a técnica aos alunos? Como o haicai ajuda na relação ensino-aprendizagem?

Na verdade, não sei se existe uma 'técnica ensinável'. Penso que, entre erros e acertos, o aluno aprende fazendo e faz aprendendo. O importante é despertar o seu interesse pela poesia que nos rodeia e nem sempre temos 'olhos de ver'. Costumo reunir os alunos em ambientes descontraídos e trabalho alguns fundamentos. Por exemplo, a natureza como fonte de inspiração, o respeito ao meio ambiente e a estreita relação entre os acontecimentos naturais (a escassez de água, tão atual, por exemplo) e o nosso viver cotidiano.

O aluno, 'desperto', observando e registrando essa experiência em forma de haicais, adquire a capacidade de refletir sobre seu próprio papel enquanto cidadão. Aprende o valor do outro e de todos na sociedade, aprende a respeitar-se. Aprende, principalmente, sua importância, seu próprio valor enquanto parte de um todo. Motivado por experiências prazerosas vividas junto à natureza, o aluno se transforma, sem nem mesmo perceber, num observador atento, incorporando essa atitude ao seu dia a dia, inclusive na sala de aula, o que facilita o seu aprendizado. Então, acredito no haicai não apenas como ferramenta para o aprimoramento espiritual, mas também como instrumento auxiliar na relação ensino-aprendizagem.

O que te inspira para escrever os haicais?

A gratidão. Gratidão pela vida, pela natureza, pelo amor de um Deus invisível que nos fala por meio de uma flor, um inseto, um pássaro. O vento, as tempestades, o pôr do sol ou um calmo amanhecer.

Festa de Natal.
O aniversariante
pregado na cruz.

Teruko Oda